

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE FONAUDIOLOGIA

CÁRITA RAYANE ALVES DE ALMEIDA

POSSIBILIDADES COMUNICATIVAS DA CRIANÇA COM TEA

GOIÂNIA
2021

CÁRITA RAYANE ALVES DE ALMEIDA

POSSIBILIDADES COMUNICATIVAS DA CRIANÇA COM TEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Fonoaudiologia, da Escola de Ciências Sociais e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Profa. Ma. Eliane Faleiro de Freitas

GOIÂNIA
2021

ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos dez dias do mês de dezembro de 2021, às 12:00 horas, em sessão pública na Sala de Defesa da PUC Goiás, na presença da Banca Examinadora presidida pela Professora Mestre Eliane Faleiro de Freitas e composta pelos examinadores:

1. Professora Doutora Lisa Valéria Vieira Torres,
2. Professora Mestre Eliana Souza da Costa Marques,

A aluna CÁRITA RAYANE ALVES DE ALMEIDA apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: POSSIBILIDADES COMUNICATIVAS DA CRIANÇA COM TEA como requisito curricular indispensável para integralização do Curso de Bacharelado em Fonoaudiologia. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela Aprovação do referido trabalho, divulgando o resultado formalmente ao aluno e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.



Presidente da Banca Examinadora



Examinador 01



Examinador 02



Aluna

POSSIBILIDADES COMUNICATIVAS DA CRIANÇA COM TEA

Cárita Rayane Alves de Almeida¹
Eliane Faleiro de Freitas²

¹Acadêmica do curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

²Fonoaudióloga, Musicoterapeuta; Mestre em Música pela UFG, Docente do Curso de Fonoaudiologia da PUC Goiás.

Resumo: **Introdução:** O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-V) nomeou o Transtorno do Espectro Autista, acometendo mais de uma área de comprometimento, seja social, cognitivo, comportamental ou comunicacional, alterações estas presentes desde a infância. Mesmo após duas décadas de pesquisa não há conclusão sobre as possíveis causas do transtorno. Características expressivas presentes em indivíduos com TEA são: ecolalias e estereotipias. Sendo a ecolalia definida por “ecos na fala”, podendo ser imediata ou tardia e as estereotipias movimentos motores estereotipados como: balançar partes do corpo e/ou a cabeça, estalar dedos e bater e/ou balançar as mãos. **Objetivo:** analisar, bibliograficamente, a intervenção fonoaudiológica em crianças com TEA com foco em suas possibilidades comunicativas. **Metodologia:** Estudo realizado por meio de pesquisa bibliográfica qualitativa. Para a realização do levantamento bibliográfico foram utilizadas as seguintes bases de dados: Google acadêmico, SCIELO e CAPES. Selecionou-se 13 artigos para coleta de dados. Como critério de inclusão considerou-se artigos que abordavam o objetivo do estudo, e de exclusão artigos que não contemplavam o objetivo. **Resultados:** Apresentou-se coleta de dados no formato de quadro, abordando os dados coletados na discussão do artigo. **Conclusão:** Observou-se nos resultados da pesquisa que a atuação do fonoaudiólogo sobre as ecolalias, estereotipias, habilidades pragmáticas, estado emocional, de modo geral demonstraram bons retornos quanto à evolução clínica dos pacientes. Sendo assim, o foco em possibilidades comunicativas pode ser considerado efetivo na terapia de linguagem em crianças com TEA.

Palavras-chave: TEA, Intervenção fonoaudiológica, Criança, Comunicação.

Abstract: **Introduction:** The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders 5th edition (DSM-V), named the Autistic Spectrum Disorder, affecting more than one area of impairment, whether social, cognitive, behavioral or communicational, alterations that have been present since childhood. Even after two decades of research, there is no conclusion about the possible causes of the disorder. Expressive characteristics present in individuals with ASD are echolalia and stereotypies. Echolalia being defined as “speech echoes”, which can be immediate or delayed, and stereotypies stereotyped motor movements such as: shaking parts of the body and/or the head, snapping fingers and hitting and/or shaking hands. **Objective:** To bibliographically analyze the speech therapy intervention in children with ASD that focus on their communicative possibilities. **Methodology:** Study carried out through qualitative bibliographic research. To carry out the bibliographic survey, the following databases were used: Academic Google, SCIELO and CAPES. 13 articles were selected for data collection. As inclusion criteria, articles that did not include the objective were excluded. **Results:** Data collection was presented in table format, addressing the data collected in the discussion of the article. **Conclusion:** It was observed from the research results that the performance of the speech therapist in multimodal aspects, echolalia, stereotypy, pragmatic skills, emotional state, in general, showed good returns regarding the clinical evolution of patients. Thus, the focus on communicative possibilities can be considered effective in language therapy in children with ASD.

Keywords: ASD, Speech-Language Pathology Intervention, Child, Communication.

INTRODUÇÃO

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em sua última atualização (5ª edição, 2013) trouxe em seu conteúdo a nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA), transtorno esse que abrange mais de uma área de comprometimento, seja social, cognitivo, comportamental ou em nível de comunicação. Como critérios diagnósticos consideraram-se padrões restritivos e repetitivos de comportamento, estereotípias tanto na fala (ecolalia) quanto motoras, padrões ritualizados e hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais. Alguns autores, baseando-se na proposta do DSM-V, consideram que o TEA apresenta prejuízos persistentes relativos à cognição, socialização, comunicação, fala e linguagem, características presentes desde a infância (ONZI; GOMES, 2015; AMATO; FERNANDES, 2010).

Existem várias tentativas em alegar a causa do autismo, buscando-se cada vez mais o que estaria contribuindo para essa explosão de diagnósticos. Porém, mesmo após duas décadas de pesquisas, os resultados são duvidosos e desconexos (BRITES; BRITES, 2019).

A Classificação Internacional das Doenças, em sua última edição (CID-10), define as estereotípias motoras como uma expressão caracterizada por movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados, com ritmo, desprovidos de propósito e sem relação a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado. Esses movimentos caracterizam-se, por exemplo, em balançar partes do corpo e/ou a cabeça, estalar dedos e bater e/ou balançar as mãos. Em casos mais graves podem ser encontrados componentes automutiladores, tais como morder mãos ou outras partes do corpo, bater a cabeça, esbofetear a face, arrancar cabelos, colocar o dedo nos olhos. Dessa forma, cabe questionar se a estereotípia motora, de algum modo, poderia fazer parte da expressão da criança autista.

Em relação à comunicação verbal, grande parte das crianças que possuem o TEA apresentam uma característica linguística nomeada ecolalia, definida por repetições em eco da fala do outro, classificando-a em dois grupos: a ecolalia imediata e a ecolalia tardia. Na ecolalia imediata o indivíduo repete, logo em seguida, algo que foi dito, e a ecolalia tardia o indivíduo reproduz o que foi dito após um período maior (BLESZYNSKI, 2009 apud MANGUEIRA; LIMA, 2019).

Referindo-se ao desenvolvimento da fala, Delfrate (2009) pontuou que quando

se aprende a falar não se estabelece somente um conjunto de “funções” e os modos e características de expressá-los. Isso ocorre em consequência do exercício de diferentes atos efetivos de linguagem ou de assimilação de convenções linguísticas e do domínio da prática “comunicativa”. A autora ainda considera que falar é também dominar e elaborar sistemas de regras formais recursivas que permitem, a partir de elementos iniciais mais acessíveis, a construção de estruturas abstratas que se realizam em diversas orações, servindo às mais distintas necessidades de manifestação das experiências humanas.

Concorda-se com Brites e Brites (2019) ao pontuarem que mais relevante que a criança produzir a fala é a efetividade da comunicação, sendo que o papel do fonoaudiólogo é de grande importância no processo terapêutico da criança com TEA, pois sua intervenção envolve estabelecer estratégias para que o sujeito adquira aspectos relativos à linguagem, bem como habilidades de comunicação verbal, não-verbal e social.

Em relação à comunicação Pinheiro define que

“o conceito de comunicação vem do latim *communicare*, que significa tornar comum, compartilhar, trocar opiniões, associar, conferenciar. O ato de comunicar implica em trocar mensagens, que por sua vez envolve emissão e recebimento de informações. Comunicação é a provocação de significados comuns entre comunicador e intérprete utilizando signos e símbolos” (2005, p. 11).

Bordenave (2017) considerou a comunicação como sendo uma necessidade básica da pessoa humana, bem como do homem social, afirmando, ainda, a existência de uma defasagem entre a descoberta do homem social e o conhecimento de como orientar a vida social em função desse homem. Pode-se questionar como se dá essa descoberta do social na pessoa com TEA.

Segundo Amato e Fernandes (2010) a comunicação das crianças autistas apresenta diversas individualidades não acompanhando o mesmo percurso de desenvolvimento presente em crianças típicas.

A perspectiva pragmática envolve os pontos de funcionalidade da linguagem e engloba o estudo dos aspectos não verbais, sociais e ambientais, estabelecendo relações entre linguagem e contexto. Considera, ainda, o incremento da linguagem associado ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança (FERNANDES, 1996 apud AMATO; FERNANDES, 2010).

De acordo com Balestro (2019) a troca realizada entre a criança e o adulto

permite fazerem-se compreendidos um pelo outro. Tal fato é fundamental para comunicação, sendo que este processo pode ser verificado antes mesmo do primeiro ano de vida. Dessa forma, as habilidades pragmáticas manifestam a intenção do bebê e a correspondência do cuidador para a partilha de afeto, as trocas relativas ao olhar (seguir, alternar, responder) e o desenvolvimento gestual envolvendo mudanças de expressões faciais e corporais voltadas ao interlocutor. A autora afirma que essas habilidades são essenciais para avaliar situações ambientais por meio da compreensão das referências sociais.

Quanto à linguagem, compartilha-se com a proposta de De Lemos (1989) que define o termo como

“uma atividade cognitiva de ação sobre o mundo e comunicativa de ação sobre o outro, pois é a partir dela que a criança age sobre o mundo e sobre o outro, assumindo a linguagem um estatuto de objeto, sobre o qual a criança pode atuar.” (apud BALESTRO; SOUZA, 2008, p.148)

Questiona-se, então, se a pessoa com TEA teria condições de apresentar tal atividade cognitiva que o permita agir sobre o mundo e sobre o outro.

A linguagem é, assim, dialógica por natureza, sendo concebida como ação, um ato do sujeito sobre a língua visando à significação. Por meio do processo de aquisição, a criança se integra como sujeito da linguagem e, ao mesmo tempo, constrói o seu conhecimento do mundo sempre por intermédio do outro. Nesse processo a criança tem um papel ativo, na medida em que a construção do conhecimento é vista como uma relação sujeito/objeto, que se evidencia a partir de um processo de objetivação compassivo frente a um processo de subjetivação, enquanto tomada de perspectiva do sujeito, operando um determinado fenômeno (DE LEMOS, 1982, apud BALESTRO; SOUZA, 2008)

Desta maneira, justifica-se a elaboração deste estudo por acreditar que a pessoa que apresenta diagnóstico de TEA, poderá exercer o seu papel de comunicador, operando no mundo, mesmo apresentando padrões não convencionais como ecolalia, estereotipia motora e gestos, desde que sejam considerados dentro de prováveis contextos comunicativos. Sendo assim, o objetivo deste estudo é analisar bibliograficamente a intervenção fonoaudiológica em crianças com TEA com foco em suas possibilidades comunicativas.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo realizado por pesquisa bibliográfica qualitativa. Para a realização do levantamento bibliográfico foram utilizadas as seguintes bases de dados: Google acadêmico, SCIELO e CAPES. Como descritores foram utilizados os termos: autismo, TEA, Fonoaudiologia, fonoterapia, comunicação, crianças, combinados entre si.

Foram selecionados 48 artigos a partir da leitura dos títulos. Em seguida, foi realizada a leitura dos resumos, selecionando 26 artigos para a leitura na íntegra. Destes, foram selecionados 13 artigos para a análise e coleta de dados do presente estudo.

Dos 13 artigos selecionados 11 são em língua portuguesa (Brasil) e 2 são em língua portuguesa (Portugal).

Como critério de inclusão, considerou-se artigos científicos que abordavam a temática do TEA, intervenções fonoaudiológicas com o público autista e intenções comunicativas apresentadas por esses sujeitos, objetivo desta pesquisa. Quanto aos critérios de exclusão, retirou-se da coleta de dados artigos que não abordavam a temática referente ao autismo ou o objetivo do estudo.

Devido à restrita quantidade de artigos abrangendo fielmente o tema proposto, foi necessária a expansão da coleta de dados para artigos com datas superiores a 10 anos de publicação, compreendendo assim o período de 2006 a 2019.

RESULTADOS

Quadro 1: Resumo do levantamento dos dados coletados

Nº	Título	Autores/ano	Objetivos	Coleta de dados
1	Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico	MILHER; FERNANDES, 2006	Analisar o uso de funções comunicativas por terapeutas de pacientes do espectro autístico.	O artigo ressalta a singularidade das crianças autistas, fazendo assim com que o processo terapêutico seja único para cada paciente. Mostra ainda a importância do fonoaudiólogo como interlocutor ideal, sendo elemento de mediação no processo terapêutico.
2	Clínica de linguagem no autismo: estudo da terapia de dois irmãos	BALESTRO; SOUZA, 2008	Apresentar relato de caso de dois irmãos com autismo no tratamento fonoaudiológico	Preconiza a interação além da patologia, aproximando o sujeito da língua de "maneira viva", acima de códigos e regras

3	A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica	SAAD; GOLDFELD, 2009	Oferecer uma revisão bibliográfica detalhada sobre o papel da ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas, seguida de discussão sobre seu uso na prática clínica fonoaudiológica.	As autoras fazem análises sobre ecolalia na clínica de linguagem (considerando o contexto e o indivíduo; papel da interação entre mãe e as respostas da criança). Obtiveram como achados em sua pesquisa que a ecolalia é uma etapa realmente importante na aquisição da linguagem de pessoas autistas.
4	A aquisição de linguagem na criança com autismo: um estudo de caso	DELFRATE; SANTANA; MASSI, 2009	Analisar longitudinalmente a aquisição da linguagem de uma criança com diagnóstico de síndrome autística, a partir de processos dialógicos e de uma abordagem discursiva, durante o período de dois anos e seis meses.	As autoras evidenciaram em seu estudo que a ecolalia é parte importante do processo de aquisição da linguagem e ressaltando a importância do processo de interação, pois nesse ato é onde ocorrem trocas dialógicas, a troca entre terapeuta e paciente no caso estudado no momento em que se estabeleceram as interações, notou-se a mudança de postura da criança em relação à fonoaudióloga e à própria linguagem.
5	Peturbção ¹ do espectro de autismo a comunicação	OLIVEIRA, 2009	Entender como a família, a escola e a intervenção profissional se pode tornar o veículo mais importante para o desenvolvimento da comunicação numa criança com perturbação do espectro de autismo.	A autora pontua em seu estudo a falta de interesse da criança autista em se comunicar, mesmo possuindo linguagem.
6	O brincar e as estereotipias em crianças do espectro autista diante da terapia fonoaudiológica de concepção interacionista	KLINGER, 2010	Investigar a significação evolutiva do brincar e das estereotipias verbais e não verbais em crianças autistas, a partir da terapia de linguagem em uma perspectiva interacionista.	O estudo considerou que o sujeito se constitui na/pela linguagem e as interações com o Outro ocupam papel central nessa constituição. Ressalta ainda a importância do fonoaudiólogo em se interrogar sobre a captura da criança na/pela linguagem.
7	Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão	GONÇALVES; CASTRO, 2013	Revisar artigos atuais sobre propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil, por	Realizada análise sobre diferentes abordagens dentro da fonoaudiologia no autismo infantil, concluindo que o processo terapêutico se dá de modo individual, não podendo assim estabelecer uma única

¹Respeitou-se o termo utilizado pela língua de origem do artigo (Português - Portugal).

	sistemática da literatura		meio de literatura especializada	abordagem como mais adequada.
8	Estereotipia é linguagem? Sentidos na terapêutica de crianças do espectro autista	KLINGER; SOUZA, 2014	Objetivo desta pesquisa foi investigar as possíveis relações entre as estereotipias e o desenvolvimento de linguagem em crianças do espectro autista.	Autora demonstra que as estereotipias eram engatilhadas em situações dialógicas sendo assim não ocorriam desprovidas de sentido.
9	Características e Especificidades da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo ²	REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016	Este artigo descreve e problematiza as características da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), tendo por base os critérios de diagnóstico do Manual de Diagnóstico das Perturbações Mentais, DSM 5.	Defende-se a intervenção precoce na criança autista e o tratamento como um trabalho conjunto entre profissionais (terapeuta da fala, educadora, terapeuta ocupacional e psicólogo) utilizando modelo transdisciplinar para as intervenções.
10	Estereotipias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo	BARROS; FONTE, 2016	Discutir o lugar do autista na linguagem considerando os movimentos de negação que apresentam diferentes configurações multimodais do 'não' no autismo	Desmistificar a ligação do "não" ao TEA, de modo a considerar suas possibilidades, evitando focalizar nas limitações apresentadas.
11	Intervenção fonoaudiológica na fala ecológica de criança com transtorno do espectro autista	MANGUEIRA; LIMA, 2018	Analisar as implicações linguísticas da contextualização da fala ecológica na comunicação de crianças com Transtorno do Espectro Autista	Estudo de caso de uma criança com TEA que apresenta ecolalias imediatas e tardias e a atuação fonoaudiológica desenvolvendo estratégias para contextualização das falas ecológicas, evidenciando que as repetições na fala podem vir a ser ponto de partida inicial para o processo de desenvolvimento da fala funcional.
12	Percepção de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo quanto	BALESTRO, 2019	Analisar a percepção de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro do	Sabe-se que a família é o primeiro grupo social da criança. Os pais representam a cultura social e são o primeiro vínculo afetivo da criança. A forma como

²Respeitou-se o termo utilizado pela língua de origem do artigo (Português - Portugal).

	ao perfil comunicativo de seus filhos após um programa de orientação fonoaudiológica		Autismo quanto ao perfil funcional da comunicação de seus filhos em três momentos, antes e após as orientações.	eles percebem e interagem com seus filhos reflete em sua estrutura psicossocial e processo de inclusão social.
13	Riso e humor: seus efeitos na clínica de linguagem dos autismos	PERROTINO, 2019	Analisar episódios de diálogo entre a criança e o adulto/terapeuta envolvendo segmentações divergentes na fala da criança, cujo efeito é de humor no outro ou em si mesma	Autora traz em seu artigo o aproveitamento de situações de riso e humor para aprimorar o processo terapêutico entre fonoaudiólogo e paciente.

DISCUSSÃO

Seguindo a linha médica, Reis et al (2016) defendem a necessidade do diagnóstico precoce (TEA), sendo necessárias intervenções realizadas por uma equipe transdisciplinar, incluindo o fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, psicólogo e educador. A necessidade de um laudo antecipado parte não no sentido de trazer uma nomenclatura diagnóstica, mas como alerta de risco para o desenvolvimento. A intervenção fonoaudiológica se faz necessária desde os primeiros sinais de alterações comunicacionais.

A adaptação quanto às terapias é um processo singular, de acordo com que Gonçalves e Castro (2013) demonstraram por meio de sua pesquisa, na qual cada paciente se adaptou de maneira diferente às abordagens propostas, como a ABA, DIR, CAA³, pragmática, por exemplo. Dessa forma, os autores concluem que a escolha da abordagem terapêutica deverá ser a que melhor se adéque aos objetivos e necessidades individuais da criança e da família. Contudo, mesmo concordando com essa ideia, destaca-se que o presente estudo que analisa as possibilidades comunicativas da pessoa com TEA tem uma inclinação para abordagem de viés interacionista.

Apesar de o objetivo deste estudo não ter enfoque na relação entre desenvolvimento comunicativo e a abordagem psicanalítica, considera-se que essa

³ Análise Comportamental Aplicada; Desenvolvimento Individualizado e baseado no Relacionamento; Comunicação Aumentativa e Alternativa, respectivamente.

proposta de terapia para um sujeito autista (ou seja, nela é sempre suposto um sujeito) visa o estabelecimento minimamente do laço social, não com intuito de adequação deste à sociedade, mas de apaziguamento do sofrimento vivenciado por ele, com a possibilidade de que venha a se realizar, de fato, um desejo autêntico. (PERROTINO, 2019)

Considerando a pessoa autista como sujeito, Delfrate et al (2009), em seus estudos acerca da relação do processo de aquisição da linguagem em crianças dentro do espectro, apontam que a análise da linguagem não verbal desses sujeitos nos contextos dialógicos vem sendo negligenciada. Desse modo, questiona-se a colocação de Oliveira (2009) alegando que experiências realizadas com crianças com autismo mostraram que várias delas, embora tenham linguagem, não demonstram interesse em comunicar. Cabe, assim, o questionamento se as crianças com TEA não apresentam interesses comunicativos ou apenas não são compreendidas em sua possibilidade de comunicação.

Percebe-se que o conjunto característico do autismo favorece uma concepção prévia de isolamento do sujeito e de negligência de sua linguagem, mantendo o discurso de que a pessoa TEA está ausente da possibilidade de linguagem, tendo em vista que duas das principais características - a dificuldade na comunicação e na interação - são requisitos para a definição de linguagem dentro de uma definição linguística pautada na relação linguagem e comunicação (BARROS; FONTE, 2016).

As autoras consideram, ainda, que o autismo se interliga, muitas vezes, ao signo linguístico 'não', na forma de um discurso social desmotivador, como, por exemplo: "não apresenta linguagem", "não fala", "resiste ao contato de outras pessoas", "fogem ao olhar", "não aceita mudanças na rotina", "não usa a imaginação de maneira adequada" (idem).

Atendo-se às alterações quanto à comunicação apresentadas por crianças com TEA, é importante explorar o que apresentam como meio de interação, seja de modo verbal ou não verbal, típico ou atípico. Segundo Balestro (2018) as trocas pragmáticas realizadas entre bebê e o adulto onde se fazem compreendidos um pelo outro é fundamental para comunicação, podendo ser reconhecida antes de um ano de idade. Desse modo, acredita-se que mesmo em consideráveis atrasos no desenvolvimento, a criança com TEA apresenta meios e possibilidades de realizar tais trocas comunicativas.

De acordo com o estudo de Mangueira e Lima (2018) a estimulação da fala

favoreceu a diminuição das ecolalias, apresentando como estratégia a não inibição das falas ecolálicas e ofertando sempre o modelo adequado da estruturação frasal, ampliando, também, o seu repertório lexical e seu vocabulário. Os autores afirmam assim, que o terapeuta poderá auxiliar o sujeito com TEA na elaboração de frases, considerando que a repetição é um fator significativo no desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, é destacado o papel do fonoaudiólogo como mediador para tornar funcional a fala nas crianças com TEA, aproveitando expressões ecolálicas, desde que sejam contextualizadas, para que a comunicação ocorra de maneira funcional.

Contudo, é válido destacar que a ecolalia deve ser acatada no processo terapêutico, desde que não seja separada do contexto em que ocorre, nem seja desmerecida as produções dos emissores da dialogia (SAAD; GOLDFELD, 2009).

Miilher e Fernandes (2010) pontuam o fonoaudiólogo como interlocutor ideal, sendo elemento de mediação no processo terapêutico. As autoras ressaltam que a intervenção seja única para cada paciente, considerando a singularidade das crianças autistas. Neste sentido, considera-se que o fonoaudiólogo seja um intérprete diferenciado para acolher todas as produções da criança com TEA e inseri-la em um processo comunicativo.

Em um estudo que investigou a presença emoções e sentimentos na terapia de linguagem, o fonoaudiólogo utilizou-se de um planejamento das sessões de maneira individualizadas, preconizando o uso do humor, reforçando-o como um traço de identificação entre terapeuta e paciente (PERROTINO, 2019). Ainda segundo o estudo da autora, a terapeuta propunha jogos de palavras, separando-as e finalizando com outras sílabas ou, então, procurava escrever palavras trocando as sílabas finais para dar origem a outras (de fogo para fofo, por exemplo). Dessa forma provocou situações de muito riso na criança e foi possível observar, no decorrer das terapias, uma melhora na articulação de alguns fonemas, com emissões de forma mais precisa e clara.

O papel do fonoaudiólogo não se restringe apenas ao paciente, é de suma importância a realização de orientações aos pais e a integração destes ao processo terapêutico. Sabe-se que a família é a referência inicial de grupo social, representando o primeiro vínculo afetivo da criança. A forma como os pais percebem e interagem com seus filhos reflete em sua estrutura psicossocial e no processo de inclusão social (BALESTRO, 2018). Assim, os pais são os primeiros interlocutores dessa criança e

poderão oferecer referências para que o fonoaudiólogo conheça, também, a dimensão e possibilidades comunicativas do paciente.

O estudo de Saad e Goldfeld (2009) destacou o uso da ecolalia como recurso interacional entre criança e mãe, dentro de interações naturais. Nota-se que quando teve sua comunicação acolhida por sua mãe, a criança foi motivada em continuar com suas produções e a manter a interação dialógica. Deste modo, é necessário destacar o papel dos pais na evolução clínica, expandindo a relação terapeuta e paciente, visando um trabalho em conjunto.

Ainda segundo Saad e Goldfeld (2009), ao apontarem um estudo do desenvolvimento da comunicação realizado em dez crianças autistas com seus pais e uma terapeuta, observou-se que as crianças do grupo verbal se comunicavam com seus pais principalmente através do uso de falas ecolálicas. Após 20 meses de intervenção terapêutica, o mesmo grupo mostrou uma redução natural das ecolalias, um aumento das respostas e da comunicação espontânea, levando a concluir que a ecolalia é de fato uma etapa importante na aquisição da linguagem de pessoas autistas.

Balestro (2018) analisa que o modo como o interlocutor é percebido influenciará de forma decisiva desde as escolhas linguísticas, até o nível formal e funcional que será utilizado nesta interação com o emissor. Dessa maneira, o estabelecimento da comunicação entre duas pessoas tem a capacidade de valorizar ou desqualificar futuras interações. Caso o terapeuta considere somente a patologia (TEA) e não avalie a criança (indivíduo-subjetividade) tenderá a restringir a interação, de forma a intervir sobre as comorbidades apresentadas, não valorizando os potenciais que podem ser explorados. Desse modo desqualifica futuras interações que poderiam promover uma comunicação, como cita a autora.

Mangueira e Lima (2018) perceberam em sua pesquisa que a ecolalia auxiliou na ampliação do vocabulário, vendo este transtorno de modo positivo nas terapias, mesmo acreditando ser uma maneira primitiva da criança manter a socialização. Acredita-se que devido ao estigma de que a pessoa com autismo não apresenta interesse pela interação social, se faz necessária a valorização da ecolalia como uma intenção comunicativa importante para a socialização desses sujeitos.

É pertinente a pontuação de Barros e Fonte (2016) de que, em um ambiente diversas vezes marcado pelo silêncio, qualquer gesto, expressão ou movimento corporal, mesmo que estereotipado, há de trazer sentido para aquelas pessoas que

estão presentes na interação. As autoras acreditam que, no autismo, não se deve perceber a linguagem separando oralidade (fala) de gestos e movimentos corporais, procurando características que as solidifiquem em suas particularidades independentes. Faz-se necessário tomar a linguagem em seu conjunto multimodal em que um aspecto, seja gesto ou fala, auxilie ou confirme a sua estruturação.

Em suas pesquisas, Klinger expôs que todos os sujeitos analisados demonstraram que as estereotipias eram engatilhadas por momentos de tentativa dialógica com as mães, ou seja, embora menos evoluídas em termos expressivos do que outras formas linguísticas, não eram desprovidas de sentido (KLINGER, 2010; KLINGER; SOUZA, 2014). Pontuou também que determinado paciente que não possuía linguagem verbal, ao se sentir compreendido pela terapeuta, diminuía a incidência das estereotipias. A autora considerou a constituição do sujeito na/pela linguagem, e o papel do Outro⁴ como central na construção das interações, ressaltando ainda a importância do fonoaudiólogo em buscar estratégias para captura da criança na/pela linguagem.

Por fim, pontua-se a importância de o fonoaudiólogo acolher a linguagem da criança autista, validando o que o indivíduo expressa de modo a considerar suas potencialidades comunicativas como ponto de partida para obter resultados promissores na terapia. Como aspecto inicial do processo terapêutico validou-se as estereotipias, as ecolalias, os risos e aspectos pragmáticos da linguagem. Parte-se do ideal que qualquer ato da criança autista percebida como intenção comunicativa deve ser acatado como possibilidade de ser assimilado e aprimorado, não devendo ser descartado ou reprimido, pois acredita-se que ignorar comunicações que não são manifestadas de modo convencional é silenciar o que a criança com TEA consegue expressar.

Destaca-se que foram encontrados escassos trabalhos referentes à comunicação de crianças autistas publicados por fonoaudiólogos, sendo necessárias mais pesquisas que abordem a temática.

Diante do exposto, conclui-se que o papel do fonoaudiólogo se faz na intervenção sobre a interação. Há de se acentuar sua eficácia na aproximação do sujeito com a língua, mas não meramente a face de código, uniforme e formada por

⁴A autora referenciou o “grande Outro”, conceito defendido por Lacan, definido pela relação do homem com tudo aquilo que determina o seu modo de ser.

regras e questões estruturais, mas a língua viva, em circulação entre dois sujeitos (BALESTRO e SOUZA, 2008).

CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi analisar bibliograficamente a intervenção fonoaudiológica em crianças com TEA com foco em suas possibilidades comunicativas. Observou-se nos resultados da pesquisa, que a atuação do fonoaudiólogo sobre as ecolalias, estereotípias, habilidades pragmáticas e estado emocional demonstraram bons retornos quanto à evolução clínica dos pacientes. Sendo assim, o foco em possibilidades comunicativas pode ser considerado efetivo na terapia de linguagem em crianças com TEA.

Conforme os achados obtidos nesta pesquisa pôde-se observar que atuar de forma a considerar o que a criança autista apresenta como interação, comunicação ou expressão tem valor a ser agregado na fonoterapia de linguagem.

Por fim, ressalta-se a importância de se realizar mais pesquisas nesta temática para subsidiar a prática fonoaudiológica com essa população.

Referências

AMATO, Cibelle Albuquerque de La Higuera; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. O uso interativo da comunicação em crianças autistas verbais e não verbais. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 373-378, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pfono/a/8jZLkCWrwbb8KQ5FWCGKGkr/?lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 2021.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALESTRO, Juliana Izidro; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Percepção de cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo quanto ao perfil comunicativo de seus filhos após um programa de orientação fonoaudiológica. **CoDAS**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 1-9, jul. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/codas/a/wVYLN46cvL9tKh9tKYpcSdL/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2021.

BALESTRO, Juliana; SOUZA, Ana Paula Ramos de. Clínica de linguagem no autismo: estudo da terapia de dois irmãos. In: GRAÑA, Carla Guterres (org) – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/9TbpRpGMG4sqDSSbFXDTKFF/abstract/?format=html&lang=pt&stop=next>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é comunicação**. 1. ed. Tatuapé: Brasiliense, 2017. 100 p. E-book. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=1mgvDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=comunicação+&ots=NOLq_KXfYI&sig=5KeaU3GTseFLI5CNm1Hy0A2UtFM#v=onepage&q=comunicação&f=false>. Acesso em: 30 set. 2021.

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. **Mentes únicas**. São Paulo: Gente, 2019. 192 p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (handicaps): um manual de classificação das conseqüências das doenças. Lisboa; 1989.

DELFRATE, Christiane de Bastos; Santana, Ana Paula de Oliveira; Massi, Giselle de Athaide. A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 2, p. 321-331, jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/RDFYp9KgGQWG8cmYBMHPttr/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 11 out. 2021.

GONÇALVES, Cláudia A B; CASTRO, Mariana S. J. de. Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão sistemática da literatura. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 15-25, abr. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14920>>. Acesso em: 23 set. 2021.

KLINGER, Ellen Fernanda. **O brincar e as estereotípias em crianças do espectro autista diante da terapia fonoaudiológica de concepção interacionista**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.ufsm.br/handle/1/6478>>. Acesso em: 10 set. 2021.

KLINGER, Ellen Fernanda; SOUZA, Ana Paula Ramos. Estereotípias de linguagem? Sentidos na terapêutica de crianças do espectro autista. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 668-678, dez. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/17870>>. Acesso em: 23 set. 2021.

MANGUEIRA, Kyonara Rayana Jacobino; LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa. Intervenção fonoaudiológica na fala ecológica de criança com transtorno do espectro autista. In: LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa; ALVES, Giorvan Anderson dos Santos; DELGADO, Isabelle Cahino (org.). **Atualidades em linguagem e fala**. [S.l.]: IESP, 2018. Cap. 03. p. 1-186. Disponível em: <<https://editora.iesp.edu.br/index.php/UNIESP/catalog/book/82>>. Acesso em: 06 set. 2021.

MILHER, Liliane Perroud; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. Análise das funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 18, n. 3, p. 239-248, dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pfono/a/rsXMCcv7jFRXg4dBpqx5Zyq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 out. 2021.

OLIVEIRA, Andreia Margarida Boucela Carvalho de. **Perturbação do espectro de autismo: a comunicação**. 2008/2009. 101 f. Trabalho de Seminário de Projecto (Pós-graduação) – Educação Especial, Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto, 2008/2009. Disponível em: <<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/778/2/PG-EE-2009AndreiaOliveira.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2021.

ONZI, Franciele Zanella; GOMES, Roberta de Figueiredo. Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 13, n. 3, p. 188-199, 2015. Disponível em: <<http://univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979>>. Acesso em: 11 out. 2021.

PEROTTINO, Silvana. Riso e humor: seus efeitos na clínica de linguagem dos autismos. **Linguística**, Montevideo, v. 35, n. 2, p. 129-147, dez. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2019000200129&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2021.

PINHEIRO, Daíse Cristina de Sá. **O papel do plano de comunicação preventivo em momento de crise na organização**. 2005. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)–Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/4451>>. Acesso em: 28 set. 2021.

REIS, Helena Isabel da Silva; PEREIRA, Ana Paula da Silva; ALMEIDA, Leandro da Silva. Características e Especificidades da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 3, p. 325-336, set. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/3xpxVppcrgDynBCM4TVDptQ/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2021.

SAAD, Andressa Gouveia de Faria; GOLDFELD, Marcia. A ecolalia no desenvolvimento da linguagem de pessoas autistas: uma revisão bibliográfica. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 255-260, set. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pfono/a/CmhrXgFpL3rgjrPcBzx3Z5N/?lang=pt>>. Acesso em: 16 set. 2021.